

PSICOLOGIA CLÍNICA COMUNITÁRIA: ASPECTOS DAS CONDIÇÕES PSICOSSCIAIS DE MULHERES NEGRAS NO TERRITÓRIO DE ARAGUAÍNA – TO.

COMMUNITY CLINICAL PSYCHOLOGY: ASPECTS OF THE PSYCHOSOCIAL CONDITIONS OF BLACK PEOPLE IN ARAGUAÍNA TERRITORY - TO.

**Amanda Rafaela Lima SILVEIRA¹, Antonio Hugo Castro RABELO²,
Denise Estefany Dias CAPELA³, Illuska Heloisa Alves de SOUZA⁴,
Livia Maria da Silva NEGREIROS⁵, Mariana Araújo Bichuete CAVALCANTE⁶,
Nilva Francisco dos Santos COSTA⁷, Taís Fonseca da Silva PEREIRA⁸**

¹ Acadêmica do Curso de Psicologia na Faculdade Católica Dom Orione
E-mail: amandarls¹⁶@gmail.com

² Acadêmico do Curso de Psicologia na Faculdade Católica Dom Orione
E-mail: hugocastro.psi@gmail.com

³ Acadêmica do Curso de Psicologia na Faculdade Católica Dom Orione
E-mail: denise.zerrar@gmail.com

⁴ Acadêmica do Curso de Psicologia na Faculdade Católica Dom Orione
E-mail: IlluskaSouza@gmail.com

⁵ Acadêmica do Curso de Psicologia na Faculdade Católica Dom Orione
E-mail: liviamarianegreiros@gmail.com

⁶ Acadêmica do Curso de Psicologia na Faculdade Católica Dom Orione
E-mail: maribcavalcante@gmail.com

⁷ Acadêmica do Curso de Psicologia na Faculdade Católica Dom Orione
E-mail: nilvasnt⁴⁹@gmail.com

⁸ Acadêmica do Curso de Psicologia na Faculdade Católica Dom Orione
E-mail: tais⁹⁴fonseca@gmail.com

ORIENTADOR: Robenilson Moura BARRETO

Psicólogo. Psicanalista. Especialista em educação especial e inclusiva. Mestre em Psicologia. Pesquisador do Laboratório de Psicanálise e Psicopatologia Fundamental da UFPA (LPPF-UFPA). Docente na Faculdade Católica Dom Orione (TO). Coordenador Regional da Articulação Nacional de Psicólogas (as) Negras (os) e Pesquisadoras (es) – Região Norte (ANPSINEP). E-mail: robenilsonbarreto@hotmail.com

RESUMO: O racismo se apresenta como uma das condições de sofrimento psíquico vividos por sujeitos negros no Brasil. Tendo em vista esta condição, o presente artigo tem o objetivo de analisar as condições de sofrimentos psicossociais de pessoas negras e sua formação identitária no território de Araguaína – TO. O método utilizado na pesquisa foi a pesquisa-ação como proposta de metodologia ativa junto aos sujeitos negros e refletir sobre suas experiências vividas diante de manifestações preconceituosas e discriminatórias diante das relações raciais. Os resultados

contemplam relatos de intenso sofrimento psíquico, dificuldades em estabelecer vínculos e relacionamentos interpessoais, atitudes discriminatórias e dificuldades de acesso no mercado de trabalho. A pesquisa proporcionou a compreensão de fenômenos psíquicos e sociais, sobretudo uma nova concepção do fenômeno do racismo como parte da estrutural social em que a Psicologia Clínica Comunitária estabeleça uma prática emancipadora e libertadora para o enfrentamento do racismo na sociedade brasileira.

Palavras-chaves: Psicologia comunitária; População negra; Racismo.

ABSTRACT: Racism is one of the conditions of psychological suffering experienced by black individuals in Brazil. Given this condition, this article aims to analyze the conditions of psychosocial suffering of black people and their identity formation in the territory of Araguaína - TO. The method used in the research was an action research as a proposal of active methodology with blacks and to reflect on their lived experiences in face of prejudiced and discriminatory manifestations in relation to race relations. The results include reports of intense psychological distress, difficulties in establishing bonds and interpersonal relationships, discriminatory attitudes and difficulties in accessing the labor market. A research provided the understanding of psychological and social phenomena, especially a new perception of racism, as part of the structural social in which Community Clinical Psychology established an emancipatory and liberating practice for the confrontation of racism in Brazilian society.

Keywords: Community Psychology; black population; Racism.

1 INTRODUÇÃO

As três ênfases da perspectiva da psicologia social comunitária, citadas por Campos (2014), a saber, a ênfase em termos *teóricos*, o conhecimento se produz na interação entre o profissional e os sujeitos da investigação (CAMPOS, 2014). Não se pode fazer psicologia social comunitária a partir da imposição de ideais do profissional ou de suas concepções teóricas constituídas do lado de fora da comunidade. Pode-se inclusive afirmar que, em se tratando de comunidades, qualquer imposição que desconsidere os sujeitos, sua constituição, seu espaço e sua história é um ato

de profunda agressão. Na concepção de Martín-Baró, não se trata de romper radicalmente ou abandonar todo o conhecimento já construído em psicologia, assim como também não se busca uma super inovação, mas construir um saber e um fazer a partir da própria realidade, dos conflitos e problemas que permeiam o cotidiano das pessoas, juntamente com estas pessoas, que podem falar sobre si mesmas e suas concepções melhores que ninguém (ÁLVARO E GARRIDO, 2006).

Essas novas construções epistemológicas requerem uma análise do território pelo qual estamos inseridos. As desigualdades no Brasil entre brancos e negros continuam a estabelecer

condições de sofrimento psicossociais para a população negra. Apesar da proporção de brasileiros que se declaram pretos, grupo que, com os pardos, forma a população negra, de acordo com os critérios do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), ser a única que continua crescendo em todas as regiões do país entre 2015 e 2018, não houve alterações em termos de condições socioeconômica. Nesse contexto, a construção de uma Psicologia ocidental coloca em evidência a omissão do compromisso social desse construto epistemológico como uma reafirmação da negação e da invisibilidade de formar campos de conhecimentos voltados para a grande maioria da população negra nesse país. Assim, essa Psicologia se coloca como parte da ideologia do sistema político branco, classista, patriarcado e opressor.

Campos (2014) afirma também que em termos de metodologia, utiliza-se sobretudo a pesquisa participante, na qual o pesquisador e os sujeitos da pesquisa trabalham juntos não apenas no sentido de elencar problemas e condições de sofrimento psicossocial, mas também no sentido de desvendar os mecanismos por trás da realidade e que fazem com ela se apresente como tal e mais ainda, pensar, soluções, planejar e executar ações de maneira conjunta com os sujeitos do lugar - afinal, a psicologia comunitária não consiste apenas em teorizações, mas também em ação.

Por fim, em termos de valores, Campos (2014) ainda menciona a ética da solidariedade, os direitos humanos fundamentais e a busca da melhoria da qualidade de vida da população focalizada, conceitos que albergam em si um compromisso ético e político, em termos de exercício pleno da cidadania, da democracia e da igualdade entre pares, e do questionamento

das formas de opressão e dominação, e do desenvolvimento de práticas de autogestão, com vista que ela seja socialmente comprometida e libertadora. Podemos elencar aqui, no campo dos valores que permeiam as práticas da Psicologia Clínica Comunitária o enfrentamento do racismo como forma de emancipação e superação das desigualdades que atingem a população negra desde a formação do Brasil (BARRETO, 2017). A história dos povos africanos no Brasil é marcada pela condição de violência no processo de escravização desses povos e o genocídio dos povos originários.

A atuação do profissional de psicologia precisou caminhar para um deselitização, procurando revogar a imagem de ciência que só atendia em consultórios fechados e a clientes fixos, onde só uma classe minoritária poderia ter acesso aos seus serviços e ao seu modo de atuar que nada tinha a ver com a realidade da maioria da população do país. Uma parte dos profissionais perceberam a necessidade de compreender a realidade das comunidades, rompendo com as práticas oriundas de outras realidades as quais não representavam o modo de ser e viver da população brasileira. Trata-se de reconhecer que toda a ação é política e requer posicionamento. Cabe a Psicologia a defesa de uma sociedade justa e igualitária e com o compromisso social de enfrentamento ao racismo estrutural que adocece a sociedade e as pessoas negras (CRP/SP, 2007)

A necessidade de construir um novo olhar para a garantia de direitos da população negra e a proposição de políticas públicas aliada aos estudos populacionais permitiram que se construísse a psicologia comunitária, visando a mediação da autocrítica dentro da sociedade, de modo a possibilitar a edificação de novos fazeres dentro

das comunidades. Deste modo, o psicólogo passou a ser um facilitador do pensamento crítico dentro dos grupos para a sua realidade, e autorreflexão de suas identidades latino-americanas propiciando assim atividades transformadoras no meio e nos sujeitos envolvidos com o enfrentamento do racismo.

Uma condição de sofrimento que foi prontamente levantada entre os participantes do grupo foi a condição do racismo que, segundo o CFP (2017):

Uma ideologia de abrangência ampla, complexa, sistêmica, violenta, que penetra e participa da cultura, da política, da economia, da ética, ..., enfim, da vida subjetiva, vincular, social e institucional das pessoas [tratando-se de] uma estratégia de dominação que estrutura a nação e cada um de nós e é pautada na presunção de que existem raças superiores e inferiores (p.8)

Apesar de se ter elencado uma quantidade significativa de condições de sofrimento, destaca-se que a partir do racismo desdobram-se as demais condições. O que confere à problemática do racismo uma posição central dentro da luta encarada pela população negra, à esta, por sua vez, tem sido historicamente atribuído os lugares mais desqualificados (CFP, 2017).

O racismo, entretanto, é apenas uma face da dinâmica de relações raciais no Brasil. Ele não se constitui sozinho, mas a partir da relação entre outras formas de opressão, a saber, os estereótipos, os preconceitos e a discriminação racial, ou a partir da prática de algum destes

elementos de forma separada.

Segundo Costa (2012), os estereótipos são generalizações - positivas ou negativas, e chama-se atenção para o fato de serem socialmente construídas, constituindo as representações de um lugar e de um povo, e resultantes de uma percepção social falsa, que contribui para a fixação de características a todos os indivíduos de um mesmo grupo, como se um sujeito representasse todo o coletivo ao qual estaria vinculado, seja de classe, de gênero, de nação e etc.

Os preconceitos por sua vez, são julgamentos, positivos ou negativos formulados sem constatação prévia e fundamentados em representações, sendo elaborados a partir de processos de comunicação e dentro de uma perspectiva sócio histórica (JODELET, 2001). A discriminação racial, por sua vez, se refere a comportamentos de distinção com prejuízo para negros, podendo se manifestar como privação de direitos ou diferença de tratamento.

Em virtude do modelo de produção implantado no Brasil com a colonização, que utilizou a mão de obra escrava de milhares de negros africanos, ao andarmos por nosso país observamos que maior parte da população brasileira é constituída por negros ou mulatos. Em sua grande maioria, mesmo que a situação de vida da população negra tenha melhorado as condições não se equiparam à da população branca que detém os índices sociais mais favoráveis comparados às outras etnias existentes no país. Contudo, muitos prejuízos sucederam esse fenômeno, o rendimento salarial da população negra é inferior tornando-os representantes da parcela mais pobre do povo brasileiro ocupando quase sempre cargos menos expressivos no mercado de trabalho.

Consequentemente, a acessibilidade à maioria dos serviços públicos, de saúde, educação é limitada aumentando ainda mais a taxa de analfabetismo exclusivamente para essa parcela da população. Embora sejamos miscigenados ainda existe no país uma considerável segregação racial, os negros enfrentam diariamente preconceitos, condições sociais inferiores, discriminação social que podem ser identificadas em inúmeros setores. Diante dos resultados do processo colonizador do nosso país é possível separar do indivíduo os estigmas geradores de sofrimento “negro, pobre, marginal” sem que todos eles sejam atribuídos em cadeia numa co dependência destrutiva a uma única pessoa?

Existe uma grande quantidade de estereótipos que são cultivados em relação ao homem e à mulher negra. Barreto (2017), por exemplo, ao analisar a reprodução de estereótipos do negro na mídia elencou “o negro que gosta de samba, mora na favela ou em bairros periféricos, atua no núcleo violento onde há criminalidade, ou ocupa cargos como porteiros, motoristas, secretários e empregadas domésticas”. Aqui temos, na concepção do autor que os estereótipos justificam processos discriminatórios, contribuindo para a manutenção do *status quo*.

Ressalta-se ainda a existência de estereótipos que permeiam os discursos e o cotidiano das pessoas e que veem o negro como criminoso, perigoso, desonesto, preguiçoso, o mais voraz e insaciável (em termos sexuais) e, mais recentemente, como o “mimizento” - visão daquele que fala sobre suas condições de sofrimento e busca a conquista e garantia de seus direitos.

A violência do estereótipo reside no

fato de que “tais representações influenciam na compreensão que a comunidade negra tem de si mesmo” (BARRETO, 2017), e é aqui que entra um dos pontos que foram citados no trabalho passado em sala de aula, a saber, a imagem que a pessoa negra tem de si, os processos de construção da identidade e os modos de vida que são cultivados.

Desse modo, o CPF (2017) fala acerca do sentimento de inferioridade que assola a população negra, assim como sentimento de culpa, pelo fato de este não conseguir corresponder às exigências sociais que lhes são violentamente atribuídas através das relações, dos meios de comunicação, e do teor dos discursos das pessoas. Há ainda o sentimento de angústia por a todo instante esses sujeitos serem submetidos a situações de opressão, o que nos leva a perceber o aspecto subjetivo, construído a partir da objetividade do mundo. Essa produção de subjetividade na pessoa negra decorre diante do fenômeno psicológico que Fanon (2008) aponta como o complexo de inferioridade (negação de si para ocupar o lugar do outro branco) do negro produzido pelo complexo de autoridade do Branco (a ideia de si mesmo como um tipo superior de homem/mulher). De forma dicotômica, compreendemos esses conceitos como aspectos da dominação psíquica que gera processo de subjetividades no negro e que consequentemente promove condições de sofrimento.

Assim, diante do sofrimento humano causado pela estrutura social na qual se vive, tornam-se notórias as necessidades e carências deste segmento vulnerável da população - a valorização destes sujeitos e sujeitas, sua identidade, sua cultura, o reconhecimento, a aceitação, a garantia dos direitos e o acesso às Políticas Públicas de Promoção da igualdade racial

que visem garantir a universalidade, integralidade e equidade nas instituições.

No fazer psicológico, estas condições de sofrimento precisam ser levadas em consideração, e não se consegue contemplá-las de forma separada do território, do espaço, da história do lugar, de como estas pessoas chegaram a determinada localidade, como se constituíram, como se percebem, como se identificam e se relacionam, de forma individual e comunitária, entre si e com o mundo exterior, conforme a proposta de Martín-Baró: é preciso articular teoricamente a partir da realidade social que o pesquisador social pretende analisar (ÁLVARO E GARRIDO, 2006).

Para tanto, a Psicologia Clínica Comunitária como proposta metodológica e de valores pautados na ética e no compromisso social precisa pensar novas epistemologias para construir um fazer psicológico construído como base em práticas antirracista. Portanto, essa pesquisa abrange aspectos práticos e teóricos para repensar um novo lugar no campo epistêmico para a Psicologia e suas bases compromissadas com a população negra no território de Araguaína. Para que haja o exercício pleno da cidadania, democracia da igualdade entre os pares é necessário que a luta e o conflito procurem fundamentalmente o enfrentamento do racismo e novas formas de opressão e de dominação, promovendo uma nova história, um pertencimento identitário na cultura negra.

2 METODOLOGIA

O critério inicial para a escolha dos sujeitos de pesquisa eram mulheres que em algum momento da história de sua vida se identificaram como mulheres negras. Esse critério possibilitou compreender os processos identificatórios do momento vivenciado com essas mulheres no contexto da Psicologia Clínica Comunitária. Nesse sentido escolhemos duas mulheres para vivenciarmos, durante um dia, as experiências de uma mulher negra com aspectos do preconceito e discriminação racial no território de Araguaína – TO. Esse encontro aconteceu no *Parque Urbano Ecológico Cimba*⁹. Participar dessa vivência no Parque Urbano possibilita novas construções referencias na comunidade local. Assim, oferecemos um café da manhã aos participantes da vivência como uma posição transferencial. Segundo Freud (1912) a transferência é o sentido/ amor deslocado e atualizado, via inconsciente, entre analista e analisando.

Nessa transferência, apresentamos o objetivo do encontro como proposta de articulação entre a teoria e prática realizado durante a disciplina de Psicologia Clínica Comunitária. O percurso metodológico no campo da psicologia comunitária tem uma relação com a perspectiva da pesquisa-ação. Esse método, segundo Tripp (2005) propõe um processo de investigação-ação que contemplem um ciclo de práticas sistêmicas entre o fazer no campo e sua investigação na medida que estamos inseridos em sua realidade. Portanto, a implementação dessa forma de construir conhecimento decorre de um planejamento e uma avaliação para a fim de propormos uma mudança o planejamento e

⁹ Espaço de referência para prática esportivas e de lazer para todos os araguainenses, sendo usado também para confraternizações, como aniversários, piqueniques e até casamentos. O local ainda é palco para o Festival São João do Cerrado, Via Sacra e outros eventos de esporte e culinária.

melhoria na prática aprendendo mais, no correr do processo, tanto a respeito da prática quanto da própria investigação.

Ressalta-se que as rodas de conversas como instrumento metodológico pode representar múltiplas possibilidades de produção e ressignificação de sentidos e fazeres, onde as relações de poder podem ser horizontalizadas, os sujeitos podem ser atores históricos e sociais, críticos e reflexivos diante da realidade, a figura de um “mestre” é banida, a fala é entendida como expressão de modos de vida por meio da qual novas possibilidades podem ser construídas (SAMPAIO et. al., 2014). Esta metodologia é condizente com o preconizado na Psicologia Social Comunitária de permitir aos sujeitos expressarem suas necessidades através de demandas, tornarem-se condutores da própria história, e garantir a autonomia das pessoas e grupos de população a partir da tomada de consciência, termo, considerado por Sawaia (2015) como “expressão fundamental desta área de atuação”.

Desse modo, utilizamos também como instrumento, além da roda de conversas como espaço de vivência, questões e perguntas que nortearam nossa conversa de modo que os sujeitos de pesquisa discorressem livremente sobre as experiências vividas diante dos obstáculos promovidos pelo preconceito e a discriminação racial sobre a população negra, sobretudo com as mulheres negras em Araguaína – TO. A narrativa construída diante da proposta metodológica evidenciou diversos conteúdos emergentes que acometem a população negra e suas condições de vida nos seus aspectos psicossociais.

3 RESULTADOS E DISCURSÕES

A partir da vivência, foi possível compreender o quanto o processo sócio histórico dos povos africanos no Brasil ainda permanece revestido de estereótipos negativos que favorecem a continuidade de um imaginário entre as pessoas negras. Esse imaginário social no campo subjetivo posiciona as pessoas negras no lugar historicamente de subalternidade. Um lugar de privilegio e poder não ocupado pela população negra manifestado pelo racismo institucional. O não lugar das pessoas negras na sociedade é representada a partir de uma posição hegemônica eurocêntrica, branca, machista e classista

Entre os relatos apresentados, percebemos o quanto a marca da cor opera como dispositivo de deterioração das identidades de pessoas negras, como condição de negação de si e condição de sofrimento psíquico por não fazer parte do lugar desse outro que se coloca como padrão universal de sujeitos. Ao entrarmos na vivência proposta, trazida pelas mulheres negras podemos perceber um lugar político de uma mulher negra que convive cotidianamente com uma tripla forma de preconceito; por ser mulher, negra e lésbica na sociedade brasileira. Um lugar em que seu corpo é marca significativa de sofrimento entre as relações sociais e as institucionais. Um lugar que contrapõe a lógica de dominação e controle dos corpos. A compreensão da sociedade sobre essas mulheres marca o lugar de como são afetadas a partir de uma sociedade machista, racista e homofóbica está condicionado a dimensões estratosféricas de desumanização do Eu. Uma condição de inexistência sob as condições de negação dos direitos humanos e da garantia de políticas públicas como sujeito de direito na sociedade brasileira. As construções narrativas dessas mulheres trouxe uma pequena dimensão

do processo de adoecimento psicossocial em que a sociedade produz, como ser negro na sociedade é ser cotidianamente violentada por uma tripla junção de suas construções identitárias como ser mulher, negra e lésbica.

3.1. Discursão

Tendo como base os relatos, pode-se ressaltar o sofrimento psíquico quanto à dificuldade de relacionar-se com a sociedade machista, racista e clássica. Não obstante as dificuldades apresentadas pelas mulheres negras na vivência, como timidez excessiva, baixa autoestima, isolamento social e outras iniquidades no campo psicológico. Outro dado importante a ser analisado na vivência é justamente a dificuldade da inserção dessas mulheres no mercado de trabalho no território de Araguaína – TO. A ausência de políticas públicas se configura como uma marca implacável do racismo institucional. Segundo o Ministério do Governo Britânico para o Desenvolvimento Internacional e o Instituto AMMA Psique e Negritude (2007), o racismo institucional é o fracasso das instituições e organizações em prover um serviço profissional e adequado às pessoas em virtude de sua cor, cultura, origem racial ou étnica.

A partir dessa concepção, fica ainda mais evidente a condição de vulnerabilidade dessas mulheres ao serem impedidas de garantir, por meio do seu trabalho formas de garantir sua sobrevivência. Essas relações de desigualdade configuradas diante do racismo de forma explícitas ou disfarçadas nega uma a história social dessas mulheres como forma de exclusão dos processos de formação identitárias. Dentro do grupo o qual foi trabalhado tem-se um

agravante com relação à discriminação, visto que são mulheres negras, e uma das participantes identifica-se como: mulher, negra e lésbica.

Partindo dessas identificações como sujeito, pode-se perceber que ocorre uma interseccionalidade a qual este indivíduo pertence e que, diante da sociedade, causará mais sofrimento e adoecimento, pois não perpassa apenas por uma instância racial. Ao realizarmos esta vivência, foi possível promover um espaço de fala livre e sem julgamentos, onde as pessoas participantes expressaram ali sua angústia, e expondo o quão é difícil, pois diante de uma visão social, a pessoa negra não possui o direito de mostrar sua fraqueza, de ser sensível, ou mesmo que posicionar-se em determinadas ocasiões, pois são posturas que causam incômodo.

Nesse sentido, as participantes abordaram também que o negro tem a obrigação de se provar a todo o momento, no que fala ou em seus posicionamentos, enquanto o sujeito branco não será tão questionado quanto. A partir da fala destas pessoas visualiza-se que há uma discriminação imposta socialmente, e que ela oprime estes sujeitos de modo que passam a ter a sensação de que não podem falar ou mesmo se expressarem, que para isso é preciso pedir permissão para o branco (que querendo ou não, é a figura opressora). E ao fazer uma reflexão, é possível notar que estas pessoas negras ao passar pelo mesmo corredor que uma branca, por exemplo, não mantém contato visual, ou mesmo passam com suas cabeças erguidas.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Durante a vivência foi possível perceber que as pessoas negras em ambientes sociais são

estão expostas/vulneráveis ao racismo, onde na maioria dos casos as mesmas não têm a oportunidade de escolher a área em que deseja trabalhar, é constantemente questionada do porque estar se inserindo em certos lugares, desigualdade no que diz respeito à educação, as oportunidades. O que mais chamou atenção na fala da convidada foi o racismo institucional, pois a própria instituição tem práticas e comportamentos discriminatórios, como a falta de atenção, pela prática de diferenciação no tratamento dos acadêmicos a partir estereótipos raciais, atos de ridicularização dentro da instituição em questão, onde as pessoas envolvidas sempre tem que

estar buscando formas de comprovar suas falas diante de qualquer posicionamento tomado em qualquer contexto que venha a ser vinculado com tomada ou não de decisões.

Por esta prática, acompanhou-se proximamente e observou-se com outro olhar mais centrado a temática proposta, tudo aquilo visto até então na teoria através de estudos direcionados e assim poder relacioná-los às vivências. Pôde-se também aprender e trocar experiências que serão levadas com carinho e como amadurecimento na aprendizagem pessoal, reconhecendo este processo como uma bagagem importante a se carregar em Psicologia.

REFERÊNCIAS

ÁLVARO, José Luis; GARRIDO, Alicia. **Psicologia Social: perspectivas psicológicas e sociológicas**. São Paulo: McGraw-Hill. 2006.

BARRETO, Robenilson Moura. **Contribuições psicanalíticas para a compreensão do preconceito racial: um estudo de caso / Robenilson Moura Barreto**. - 2017.

BARRETO, Robenilson.; CECCARELLI, Paulo; LOBO, Warlington. **O negro e a mídia: novas possibilidades de referências identificatórias nas redes sociais**. In: LEMOS, C. C. S. (Org.). *Conversas transversalizantes entre psicologia, política, social-comunitária e institucional com os campos da educação, saúde e direito*. v. 7. Curitiba: CRV, 2017. p. 709-718.

CAMPOS, Regina Helena de Freitas. (Org.). **Psicologia social comunitária: da solidariedade à autonomia**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA. **Relações Raciais: referências técnicas para atuação de psicólogos/os**. Brasília: CFP, 2017.

CONSELHO REGIONAL DE PSICOLOGIA. **Psicologia e Preconceito Racial**. Caderno Temático vol. 1. São Paulo, 2007.

COSTA, Eliane Silva. **Racismo, política pública e modos de subjetivação em um quilombo do Vale do Ribeira**. Tese de Doutorado, Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012.

FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas**. Salvador: Ed. UFBA, 2008.

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Diretoria de Pesquisas, Coordenação de Trabalho e Rendimento, Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua 2012-2018. Rio de Janeiro, 2019.

DFID (Ministério do Governo Britânico para o Desenvolvimento Internacional); INSTITUTO AMMA PSIQUE E NEGRITUDE. **Identificação e abordagem do racismo institucional**. Brasília, DF: Articulação para o combate ao racismo institucional (CRI); Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento, 2007.

FREUD, Sigmund. (1912a) **A dinâmica da transferência**. Obras Completas. Rio de Janeiro: Imago, 1976, 129-143. (Edição Standard Brasileira, Vol. XII).

JODELET, Denise. Os processos psicossociais da exclusão. In: SAWAIA, Bader (Org.). **As artimanhas da exclusão**: análise psicossocial e ética da desigualdade social. 2. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2001.

SAMPAIO, Juliana et al. **Limites e potencialidades das rodas de conversa no cuidado em saúde: uma experiência com jovens no sertão per-**

nambucano. Interface (Botucatu), Botucatu, v. 18, supl. 2, p. 1299-1311, 2014 . Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_abstract&pid=1806-4841/2014supl2/1299-1311.pdf>. access on 12 June 2019.

TRIPP, David. **Pesquisa-ação: uma introdução metodológica**. Educ. Pesqui., Dez 2005, vol.31, no.3, p.443-466.

PEDAGOGIA SISTÊMICA E O PROCESSO EDUCATIVO: UMA REVISÃO INTEGRATIVA

SYSTEMIC PEDAGOGY AND THE EDUCATIONAL PROCESS: AN INTEGRATIVE REVIEW

**Andréa Christina Mendes FRANCO¹, Severina Alves de ALMEIDA²,
Rafael Teixeira de SOUZA³, Jeane Alves de ALMEIDA⁴**

¹ Bacharel em Língua Portuguesa e Linguística pela Universidade Federal de Goiás (2005), Pós-graduada em Docência do Ensino Superior pela Universidade Norte do Paraná, Terapeuta Emocional (com foco em Técnicas de Desbloqueio de Aprendizagem). Educadora há 20 anos, atualmente lecionando as disciplinas de Língua Portuguesa e Redação nos níveis fundamental e médio no Colégio Invictos. E-mail: andreafrancoinvictosarg@gmail.com

² Orientadora da pesquisa. Professora Titular da Faculdade de Ciências do Tocantins FACIT atuando nos cursos de Graduação e Pós-graduação. Pós-doutoranda na Universidade Federal do Tocantins UFT. Doutora em Linguística (Sociologia da Linguagem) com ênfase em Linguagem e Sociedade, Interação Sociocultural e Letramento UnB (2015). Mestre em Ensino e Formação de Professores de Língua e de Literatura com ênfase em Linguagem, Educação e Diversidade Cultural pela Fundação Universidade Federal do Tocantins UFT (2011). É graduada em Pedagogia pela UFT (2009). Atuou como Professora Tutora no Curso de Biologia a Distância EaD da Universidade Aberta do Brasil (Universidade Federal do Tocantins) (2011-2014); Atuou Professora do Curso de Licenciatura em Educação do Campo LEdoC - FUP - Faculdade da UnB de Planaltina (2014-2016). E-mail: sissi@faculdadefacit.edu.br

³ Mestre e doutorando em Estudos Literários Comparados pela Universidade de Brasília (UnB). E-mail: rafaeldesouza@hotmail.com

⁴ Possui graduação em Ciências biológicas pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (1995), mestrado em Ciências Biológicas (Zoologia) pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (1999) e doutorado em Ciências Biológicas (Zoologia) pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (2003). Atualmente é professor associado da Universidade Federal do Sul da Bahia. Tem experiência na área de Zoologia, com ênfase em Zoologia Aplicada a Ecotoxicologia. E-mail: jeaalmeida87@gmail.com

RESUMO: Este artigo situa-se no âmbito da Pedagogia Sistêmica, teoria da educação que se originou a partir dos trabalhos de Anton “Suitbert” Hellinger, mundialmente conhecido como Bert Hellinger, filósofo e professor de procedência alemã (1925-2019), atuando como psicoterapeuta, descobridor das Constelações Familiares. O objetivo é apreender a função educativa da Pedagogia Sistêmica e, por conseguinte, da Constelação Familiar, identificando-as como subsídios para que os estudantes enfrentem as dificuldades que os lavam a não logra êxito, considerando a existência de enigmas que necessitam de serem adequadamente compreendidos. Para alcançar os objetivos, trabalhamos com uma metodologia que agregou diferentes procedimentos. Quanto ao tipo, a pesquisa é qualitativa (GIL, 2002; ALMEIDA et all 2017; SANTOS E ALMEIDA, 2019). Além dessa, utilizamos as pressuposições da pesquisa bibliográfica (GIL, 2002; MIRANDA E SILVA, 2019),

que permitiu a revisão integrativa como processo que permitiu o êxito esperado. Os resultados permitem afirmar que o papel do Professor é fundamental, uma vez que este deve estar atento para oferecer um ambiente de inclusão onde os alunos possam trocar experiências, expressar opiniões, fortalecer a autonomia e serem vistos como parte de um sistema. Não obstante, existem diferentes métodos que ajudam o estudante a lidar com conceitos e habilidades, relacionando-os, discutindo-os e debatendo-os, no intuito de despertar e aprofundar novos conhecimentos que sejam significativos.

Palavras-chave: Pedagogia. Pedagogia sistêmica. Constelação familiar. Professor. Aluno.

ABSTRACT: This paper is situated within the Systemic Pedagogy, theory of education that originated from the works of Anton “Suitbert” Hellinger, known worldwide as Bert Hellinger, German philosopher and teacher (1925-2019), psychotherapist, discoverer of Family Constellations. The objective is to grasp the educational function of Systemic Pedagogy and, therefore, the Family Constellation, identifying them as subsidies for students to face the difficulties that prevent them from succeeding, considering the existence of puzzles that need to be properly understood. To achieve the objectives, we worked with a methodology that aggregated different procedures. Regarding the type, the research is qualitative (GIL, 2002; ALMEIDA et al 2017). In addition, we used the assumptions of the bibliographic research (GIL, 2002; MIRANDA E SILVA, 2019), which allowed the integrative review as a process that allowed the expected success. The results allow us to affirm that the role of the teacher is fundamental, since the teacher must be attentive to offer an environment of inclusion where students can exchange experiences, express opinions, strengthen autonomy and be seen as part of a system. Nevertheless, there are different methods that help students deal with concepts and skills, relating them, discussing them and debating them in order to awaken and deepen meaningful new knowledge.

Keywords: Pedagogy. Systemic pedagogy. Family constellation. Teacher. Student.

INTRODUÇÃO

A educação, atualmente, enfrenta grandes desafios. As mudanças socioculturais vivenciadas durante as últimas décadas exigem das instituições educativas um trabalho extra para repensar-se e reordenar-se à luz de condições extremamente complexas. Os educadores são situados numa dimensão cada vez mais nova e

desafiadora em que as ferramentas utilizadas nem sempre funcionam, uma vez que tanto as crianças e os adolescentes quanto as famílias mudaram muito, principalmente com o advento da internet (JÚNIOR, OLIVEIRA E FONSECA, 2014).

Nesse processo, a função de educar e oferecer subsídios para que os alunos vençam suas dificuldades, muitas vezes, não logra êxito, pois os enigmas que necessitam ser adequadamente

compreendidos pelos protagonistas do sistema escola-família-aluno raramente são decifrados. Nesse sentido, surgem alguns questionamentos, por exemplo, qual deve ser a postura da equipe docente frente às dificuldades de ensino-aprendizagem? Como os pais podem contribuir satisfatoriamente no desenvolvimento estudantil dos filhos? De que forma a aliança família-escola-aluno pode colaborar no processo educacional? Nesse contexto, as instituições educativas são encorajadas a reavaliar seu papel na análise de novas estratégias que lhes permitam participar, com maior empenho e abrangência, do desenvolvimento econômico, político e social do país.

Em tal processo, é urgente também a busca do desenvolvimento de pessoas íntegras, criativas e competitivas, com conhecimentos, habilidades e valores que lhes viabilizem enfrentar, da melhor maneira possível, os desafios da modernidade. Ademais, as propostas educativas precisam de serem adaptadas visando a atender a tais finalidades. Assim, tanto a visão newtoniana-cartesiana do conhecimento e da ciência, baseada na fragmentação e no reducionismo da realidade que cerca o indivíduo, bem marcada no século XIX e parte do século XX, conforme Moraes (1997), quanto o currículo desarticulado e os modelos pedagógicos tradicionais de docência, criticados por Freire (2005), dificilmente poderão favorecer a formação daqueles cidadãos de que a sociedade necessita.

Consequentemente, conforme aponta Behrens (2005), o desafio de manter os alunos estimulados e atentos demanda uma nova visão sobre os relacionamentos humanos e as multifacetadas formas de ensinar. Nesse viés, surge a necessidade de se renovar o ensino e a

aprendizagem nas escolas e nas universidades, na tentativa de superar os paradigmas conservadores.

Nessa perspectiva, com a proposta de elaborar uma reflexão sobre uma nova possibilidade de conduta pedagógica, sem, contudo, excluir as demais ou se colocar como superior a outras metodologias, o presente artigo traça um panorama introdutório sobre a pedagogia sistêmica e sua possível aplicabilidade nas escolas brasileiras. É, pois, uma ferramenta de trabalho que busca, através de um relacionamento ativo e transformador entre família-escola-aluno, formas mais eficazes de desenvolver o processo de ensino e de aprendizagem.

Nessa perspectiva a pesquisa teve como objetivo geral apreender a função educativa da Pedagogia Sistêmica e, por conseguinte, da Constelação Familiar, identificando-as como subsídios para que os estudantes enfrentem as dificuldades que os lavam a não logra êxito, considerando a existência de enigmas que necessitam de serem adequadamente compreendidos. Como objetivos específicos elencamos: 1) perceber a postura dos docente frente às dificuldades de ensino-aprendizagem. 2) avaliar como os pais podem contribuir satisfatoriamente para um desempenho satisfatório dos filhos na escola. 3) identificar de que forma a aliança família-escola-aluno pode colaborar no processo educacional.

Nesse contexto, as instituições educativas são encorajadas a reavaliar seu papel na construção de novas e valorosas estratégias que lhes permitam participar, com maior empenho e abrangência, do desenvolvimento econômico, político e social do país.

Com efeito, este trabalho se propõe, também, a averiguar como a Pedagogia

Sistêmica e a Constelação Familiar permitem “[...] a observação dos vínculos e da natureza das relações entre a escola e o estudante, assim como das relações que se estabelecem entre todos os elementos e as implicações que surgem, e onde a família exerce importante influência no resultado final” (GARCIA, 2009, p. 52).

No tocante à metodologia, a pesquisa se apresenta como qualitativa (GIL, 2002; ALMEIDA et al 2017; SANTOS e ALMEIDA, 2019). Utilizamos, também, as pressuposições da pesquisa bibliográfica (GIL, 2002; MIRANDA E SILVA, 2019), que permitiu uma revisão integrativa (SOUZA et al 2008), procedimento que tem como finalidade permitir uma abordagem metodológica que comporte a inclusão de estudos experimentais e não experimentais para a compreensão do fenômeno estudado.

Ao final, ficou evidente que o papel do Professor é vital, pois este deve oferecer um ambiente de inclusão onde os alunos possam trocar experiências, expressar opiniões, fortalecer a autonomia e serem vistos como parte de um sistema. Não obstante, existem diferentes métodos que ajudam o estudante a lidar com conceitos e habilidades, relacionando-os, discutindo-os e debatendo-os, no intuito de despertar e aprofundar novos conhecimentos

que sejam significativos.

1. PEDAGOGIA SISTÊMICA E CONSTELAÇÃO FAMILIAR

A Pedagogia Sistêmica originou-se a partir dos trabalhos do filósofo e professor alemão Bert Hellinger (1925-2019). Sua trajetória se inicia, como missionário católico na África do Sul, onde atuou durante quase 20 anos lecionando em escolas para os zulus, durante o regime ditatorial e racista do apartheid. A Pedagogia Sistêmica permitiu que ele identificasse questões de conflito e de consciência. Posteriormente, seu desenvolvimento pessoal o levou a estudar e a praticar uma vasta gama de abordagens psicoterapêuticas, a saber: psicanálise, análise transacional, hipnoterapia ericksônica, terapia primal, gestalt, esculturas familiares⁵ e análise de o que culminou em sua própria metodologia sistêmica, denominada de constelação familiar, cuja base e procedimentos encontram-se na prática e na postura fenomenológica (OLIVEIRA JÚNIOR, OLIVEIRA E FONSECA, 2014).

Vale ressaltar que a fenomenologia é uma área da filosofia humanista que tem como precursor o filósofo alemão Edmund Husserl⁶. Segundo Husserl (1990), a fenomenologia tem

⁵ A Escultura Familiar é uma representação simbólica do sistema familiar. Esse instrumento foi considerado como um meio eficaz pois combina o cognitivo, o afetivo e o emocional com a experimentação, no qual os familiares posicionam a si e aos demais membros da família da forma como os percebem participantes na teia relacional. Fonte: Lígia oliveira terapeuta familiar e psicanalista (2015). Fonte: <http://terapiacasalefamilia.blogspot.com/2015/06/escultura-familiar.html>. Acesso em: 13-jan-2020.

⁶ Edmund Gustav Albrecht Husserl (alemão: [ˈhʊsɐl]; Proßnitz, 8 de abril de 1859 — Friburgo em Brisgóvia, 27 de abril de 1938) foi um matemático e filósofo alemão que estabeleceu a escola da fenomenologia. Ele rompeu com a orientação positivista da ciência e da filosofia de sua época. Elaborou críticas do historicismo e do psicologismo na lógica. Em seu trabalho maduro, ele procurou desenvolver uma ciência sistemática baseada na chamada redução fenomenológica. Argumentando que a consciência transcendental estabelece os limites de todo conhecimento possível, Husserl redefiniu a fenomenologia como uma filosofia transcendental-idealista. O pensamento de Husserl influenciou profundamente todo o cenário da Filosofia do século XX e XXI. Fonte: 1) Metzler-Philosophie-Lexikon: Begriffe un Definitionen/Hrsg. Von Peter Prechtl und Franz-Peter-Burkard. 2) Aufl., Stuttgart; Weimar: Metzler, 1999. «Deconstruction». Encyclopedia Britannica (em inglês). In: https://pt.wikipedia.org/wiki/Filosofia_do_seculo_XX. Acesso em: 13-jan-2020.

como missão examinar, em geral, as correlações entre ato, significação e objeto. Para se fazer pesquisa ou realizar uma prática profissional tendo a fenomenologia como fundamento, é necessário compreender que ela não é apenas uma ferramenta qualquer em que o sujeito decide aplicá-la para se chegar a um resultado imediato.

1.1. Pedagogia Sistêmica

Teorizando acerca da Pedagogia Sistêmica Cichelero e Sestari (2018) asseguram que ao tratar da pedagogia sistêmica é importante compreender, primeiramente, o pensamento sistêmico como movimento científico, com bases sólidas nas concepções de sistema aberto e na Teoria Geral dos Sistemas. Ampliando seus argumentos e traçando um marco para a emergência da Pedagogia Sistêmica e do Pensamento Sistêmico, Cichelero e Sestari (2018) recorrem a Capra e Luisi (2014), afirmando que:

Na década de 1940, as atuais teorias dos sistemas começaram a ser estabelecidas e elaboradas. Isso significa que os conceitos sistêmicos foram integrados em arcabouços teóricos coerentes que descreviam os princípios de organização dos sistemas vivos. Essas primeiras teorias, que podemos chamar de “teorias sistêmicas clássicas”, incluem, em particular, a teoria geral dos sistemas e a cibernética. A teoria geral dos sistemas foi desenvolvida por um único cientista, o biólogo Ludwig von Bertalanffy ao passo que a teoria da cibernética foi resultado

de uma colaboração multidisciplinar entre matemáticos, neurocientistas, cientistas sociais e engenheiros (CAPRA; LUISI, 2014, p. 34) *apud* (CICHELERO E SESTARI, 2018, p. 35).

Segundo Cichelero e Sestari (2018), foi uma professora primária de origem alemã, Mariane Franke-Grickch, e uma professora mexicana, Angélica Olvera, que lecionava no ensino médio, que criaram um campo de estudo e de pesquisa prática conhecido como Pedagogia Sistêmica, aplicando os princípios daquilo que ficou conhecido com Constelações Familiares. Atualmente há algumas escolas da Espanha e do México que são referências no treinamento de professores pedagogos dentro dessa abordagem. No Brasil já começam a ser ministrados esses treinamentos, notadamente em São Paulo, Brasília, Rio de Janeiro e no Mato Grosso, com formações da abordagem sistêmica e também com a pós-graduação em educação sistêmica, o que vem dando força e amplitude aos trabalhos nessa área (CICHELERO E SESTARI, 2018).

Franke-Grickch e Olvera, com esse trabalho, trouxeram bons resultados na estrutura escolar, na relação escola-família, no amadurecimento emocional e intelectual dos alunos entre outros aspectos que fazem parte do sistema educacional como um todo. Para chegar a esses resultados, elas dedicaram-se a aplicar metodologias no cotidiano do ambiente escolar, como a árvore genealógica, a autobiografia, a visualização e outras ferramentas (CICHELERO E SESTARI,

2018, p. 37).

Nesse sentido, é sistêmica a relação entre escola e família, de modo que ambas, enquanto instituições sociais são também educativas, e quando uma se integra à outra os resultados podem favorecer a emergência de sujeitos mais equilibrados do ponto de vista emocional, contribuindo para uma sociedade mais saudável.

1.2. Constelação Familiar

Constelação Familiar ou Constelação Sistêmica Familiar é uma abordagem terapêutica que se apresenta como uma ação transformadora e, não obstante, desprovida de polêmicas, cujos paradigmas sustentam-se nas teorias científicas de vanguarda, tais como o modelo dos Campos Morfogenéticos de Rupert Sheldrake⁷. Considerada nova e inusitada, essa técnica permite identificar pontos de tensão psicológica ou emocional que condicionam comportamentos humanos, mas nem sempre revelam suas origens tais como emaranhados e desordens no sistema tratado (BRAGA, 2009).

Nesse sentido, a Constelação Familiar é:

[...] um trabalho que busca na família a origem de dificuldades, bloqueios, padrões comportamentais que trazem sofrimentos desenvolvidos pelas pessoas ao longo da vida. Destina-se a todas as pessoas que desejam trabalhar suas relações familiares e

amorosas, separações, desequilíbrios emocionais, problemas de saúde, comportamentos destrutivos, envolvimento com drogas, perdas e/ou luto, dificuldades financeiras, dificuldades nos relacionamentos, entre outras dificuldades. E no caso da psicopedagogia clínica e institucional, as dificuldades e transtornos de aprendizagem e questões relacionadas ao mau funcionamento da escola, de um modo geral (BRAGA, 2009, p. 276).

Ampliando suas argumentações essa autora recorre a Hellinger (2003), assegurando que por amor, lealdade e fidelidade à família, na medida em que algum ancestral deixa situações inacabadas, pessoas de gerações futuras podem nutrir sentimentos e comportamentos, justapondo-se às ações necessárias para a resolução dessas situações, “emaranhando-se”, permanecendo, dessa forma, presos a fatos e eventos os quais não são de sua responsabilidade, e dos quais sequer têm conhecimento. Esta é, pois, uma herança afetiva, ou mesmo uma transmissão transgeracional de problemas familiares, a qual resulta numa sequência de destinos tão desumanos quanto cruéis.

1.2.1. A importância da Constelação Familiar

Estudos como os de Joy Mnné (2008)

⁷ Rupert Sheldrake, PhD, é um biólogo e autor mais conhecido por sua hipótese de ressonância mórfica. Na Universidade de Cambridge, ele trabalhou em biologia do desenvolvimento como membro do Clare College. Foi Fisiologista Principal de Plantas no Instituto Internacional de Pesquisa de Cultivos para os Trópicos Semi-Áridos em Hyderabad, na Índia. De 2005 a 2010, ele foi diretor do projeto Perrott-Warrick de pesquisa sobre habilidades humanas e animais inexplicáveis, financiado pelo Trinity College, Cambridge. Fonte: <https://www.sheldrake.org>. Acesso em: 14-jan-2019.

conferem que ao nascermos no seio de uma família, não herdamos apenas um patrimônio genético, mas sistemas de crença e esquemas de comportamento que geralmente nos assombram. Nossa família apresenta-se como um campo de energia, em cujo centro evoluímos.

Nesse sentido,

[...] Cada um, desde seu nascimento, ocupa aqui um lugar único. Do mesmo modo que os aviões aguardando em cima de um aeroporto atravancado - cada um à velocidade e altitude que lhes são próprias (momentos que parecem intermináveis para os passageiros) -, nós somos, também, mantidos em nosso campo familiar pessoal e individual num nível determinado, que entrava ou faz crescer a nossa disposição para ser feliz, escolher livremente, ter êxito naquilo que empreendemos, para fazer durar os relacionamentos agradáveis, a saúde, o bem-estar e também as doenças. Acontece que experimentamos o sentimento de termos sido mantidos nos esquemas problemáticos desde tempos imemoriais. As constelações familiares nos dão a oportunidade de compreender os esquemas em seu nível mais profundo. Elas permitem que nos libertemos, ao mesmo tempo que encontramos a paz e a felicidade (MNNÉ, 2008, p. 3).

É ainda desse autor a constatação de que a natureza do nosso campo energético familiar é determinada pela história da família que nos deu

origem, notadamente sua religião e suas crenças, isto é, sua consciência. “[...] Nosso país de origem, a religião em meio à qual nascemos, também desempenham um papel” (MNNÉ, 2008, p. 3), de sorte que essa natureza, necessariamente, é amoldada por eventos marcantes, como é o caso da

[...] história dos relacionamentos dos pais e dos avós, morte de uma criança muito nova, aborto, parto prematuro, adoção, suicídio, guerra, exílio forçado, troca de religião, incesto, antepassado agressor ou vítima, traição, ou mesmo a confiança. As ações generosas e altruístas de nossos pais e de nossos antepassados são saudáveis para nós, enquanto suas más ações modificam o campo energético familiar, obrigando as gerações posteriores a pagar o preço (MNNÉ, 2008, p. 4).

Concluindo seu pensamento, (MNNÉ, 2008, p. 4) considera que dentre as más ações estão, dentre outras, “[...] adquirir bens de forma duvidosa, trapacear ou roubar, pertencer a uma corporação cuja função envolva matar [...], as diferentes formas de violência, a internação psiquiátrica ou a prisão de membros da família, os acidentes que terminam em morte, renegar sua religião ou seu país”.

2. DA CONSTELAÇÃO FAMILIAR À PEDAGOGIA SISTÊMICA

A partir da prática das constelações familiares, com seus pontos fundamentais, houve uma ampliação dessa visão para as

escolas, surgindo assim a pedagogia sistêmica, a qual Hellinger (2015, p. 145) explicou ser uma metodologia na qual “[...] não vemos apenas o aluno, mas também os pais do aluno nele”. Para ilustrar como isso acontece, Hellinger utilizou um exemplo real e bem didático relatado por uma professora sobre sua atuação em sala de aula. Segundo ele, quando a professora está com seus vinte alunos, ela não vê apenas aquela quantidade de pessoas, mas sim sessenta, pois os pais dessas crianças também estão incluídos. Ela vê os pais atrás de cada aluno assim como também consegue sentir os seus pais e ancestrais atrás de si.

Hellinger (2015) explica que quando o professor adota essa postura respeitosa, tanto em relação aos pais dos discentes quanto aos seus próprios pais, ele tem mais facilidade para lidar com a turma, pois esse comportamento é a base para uma boa educação. Entretanto, conforme suas experiências Hellinger percebeu que, lamentavelmente, na sociedade ocidental ainda existe uma ideia equivocada dos pais ideais que acaba por excluir aqueles que não obedecem a um determinado modelo.

É preciso modificar esse padrão de pensamento, pois em uma família muitas vezes considerada difícil e na qual os filhos vivenciam episódios pesados, o difícil e o pesado dão às crianças uma força especial que não é encontrada nas crianças provenientes de uma família ideal. Todos os pais devem ser “tomados” exatamente como são para que a criança tenha a chance de experimentar uma vida plena em que tudo fluirá em equilíbrio. A esse “tomar” podemos entender como concordar com tudo o que aconteceu na vida de cada criança.

Hellinger (2006, p. 4) alerta que: “Algumas

pessoas julgam que, se tomarem pais dessa maneira, poderá infiltrar-se nelas algo de mau que receiam: por exemplo um traço dos pais, uma deficiência ou uma culpa. Então também se fecham ao lado bom dos pais e não aceitam a vida em sua totalidade”. Esse autor acrescenta ainda, que todas as crianças são boas, assim como seus pais, os quais devem ser reconhecidos e inseridos como a base estrutural de todos os infantes. E quando o professor se aproxima do aluno com essa postura, concordando com o seu histórico familiar, o discente sabe que não precisa ter medo, pois o professor não vai querer modificar sua família, muito menos criticá-la. Assim, estando de igual para igual, haverá novas e maiores possibilidades para ambos na relação ensino-aprendizagem. Portanto, fica claro que uma das ideias centrais dessa pedagogia se baseia na inclusão.

Ao abordar sobre o fato de algumas crianças serem consideradas difíceis, principalmente pelo comportamento desafiador ou contrário ao que se esperaria delas, Hellinger faz uma comparação com o contexto das doenças. Ele diz que quando alguém está passando por uma enfermidade, sobretudo com risco de morte, é necessário verificar que membro do sistema familiar do doente está sendo excluído ou esquecido, uma vez que existe aí uma ressonância entre o enfermo e essa pessoa. Ele explica que, embora a doença “não olhe para nós”, ela olha para outra pessoa e quer direcionar nosso olhar para o mesmo foco. Desse modo, se honrarmos esse indivíduo excluído ou esquecido e o acolhermos em nosso coração, há a possibilidade de que a doença vá embora, pois ela já terá cumprido sua missão.

O mesmo acontece no caso de crianças difíceis. Seguindo essa lógica, Bert verificou que

muitas delas se encontram em ressonância com outra pessoa, sem ter a mínima consciência disso. Então, ao invés de querer corrigir o problema, por exemplo, por meio de punições, como advertência ou suspensão, que muitas vezes de nada adiantam, o professor precisa “olhar” com a criança para a pessoa em sua família que quer ser acolhida, mesmo que eles não saibam exatamente, num primeiro momento, de quem se trata. Essa ideia e postura já alivia o professor e a criança também. Nesse caminho, o aluno se sente seguro com o educador.

Com efeito, compreende-se, numa visão mais ampla, que não existem crianças más ou difíceis, mas sim crianças em ressonância com outras pessoas de seu sistema familiar. Ademais, elas entram em ressonância porque sentem amor por aqueles que estão esquecidos ou excluídos, embora seja um amor que, inconscientemente, está fora de ordem. Nesse sentido, Hellinger (2001, p. 276) nos diz que dentro da abordagem sistêmica “[...] o aspecto mais importante foi reconhecer que o amor atua por trás de todos os comportamentos, por mais estranhos que nos pareçam, e também de todos os sintomas de uma pessoa” e que, devido a isso, Bert Hellinger sempre e antes de tudo procura pelo amor e se opõe a tudo o que o coloque em risco. Por essa razão, quando todos do sistema familiar da criança é visto e incluído reestabelecem-se a ordem e o equilíbrio, facilitando a liberação do infante para “ocupar o seu lugar”, onde ele poderá ter força e estabilidade para viver de forma plena e harmoniosa, o que de certo refletirá positivamente no seu processo de aprendizagem.

A Pedagogia Sistêmica também requer que a instituição de ensino seja guiada de maneira sistêmico-fenomenológica. Isto quer dizer que é

necessário o estabelecimento de certas ordens para que todos possam trabalhar em um ambiente adequado e de maneira efetiva. Nesse cenário, Hellinger (2001) mostra a importância da sintonia entre os professores e o próximo nível hierárquico, o diretor, esclarecendo que um professor se torna insuportável para a escola quando age contra o diretor ou ainda quando se une aos alunos para ir de encontro a outros professores.

Nessa perspectiva hierárquica, em primeiro lugar vem o diretor, posteriormente os professores, que são iguais entre si, com uma observação quanto à ordem de chegada na escola, pois aqueles que vieram primeiro têm precedência sobre os outros. Não raras vezes, um professor que entrou depois quer ensinar ou conduzir um veterano, então surgem diversos problemas, como o relacionamento conflituoso entre os profissionais.

A fim de promover uma organização escolar, que possa gerar um bom efeito para todos os protagonistas do sistema ensino-aprendizagem, Hellinger (2015) explicou claramente qual deve ser o lugar de cada indivíduo na aliança família-escola-aluno:

Em primeiro lugar vem sempre os pais, depois os alunos e, depois, os professores. O lugar mais seguro a partir do qual um professor pode ensinar é o mais embaixo. Lá, o professor possui a maior força. Lá, o destino e a sintonia colocam-se a seu lado e, assim, ele obtém a força para seu trabalho (HELLINGER, 2015, p. 181).

Quando há uma desorganização estrutural

do sistema, ou seja, a partir do momento em que o professor não se coloca em seu lugar de poder nessa aliança, manifestam-se muitos transtornos, um deles é a temida síndrome de *burnout*, termo que apresenta a composição *burn* (queima) e *out* (exterior), criado na década de 70 pelo psicanalista americano Herbert Freudenberger. Essa síndrome aponta como uma de suas características principais o esgotamento profissional decorrente do estresse prolongado no trabalho. Em suas pesquisas, Helliger (2015) constatou que, para combatê-la o professor deve assumir seu lugar adequado como tutor:

[...] O fundamento necessário para o ensino só é estabelecido quando o professor se vê como o último na sequência aluno-pais-professor. Assim, o professor não se sente mais sozinho: ele divide a carga e pode dar um passo para trás e fazer seu trabalho com alegria. O respeito mútuo é o fundamento de uma boa educação (HELLINGER, 2015, p. 181).

Dessa maneira, percebe-se que a pedagogia sistêmica é a arte da contextualização e do ensinamento a partir de uma percepção mais ampla, em que fica visível a necessidade de criar uma conexão entre a escola, a família e o aluno. Ela traz um novo paradigma educativo que implica modificações profundas na forma de pensar a educação. Nesse âmbito, apresenta-se como uma proposta que oferece um olhar simples para o processo de ensino-aprendizagem e mostra-se, de fato, como um arrojado instrumento para diagnosticar situações conflituosas, além de refletir sobre suas causas e consequências, no

intuito de apontar caminhos para as situações vivenciadas desde a sala de aula até o que há de mais amplo no sistema educacional, com vistas a expandir por toda a sociedade.

3. EFEITOS DA PEDAGOGIA SISTÊMICA DE HELLINGER NAS ESCOLAS

Diversos professores e pedagogos iniciaram a aplicação do método na área educacional, sendo a contribuição mais relevante feita inicialmente pela professora alemã Marianne Franke-Gricksch e pela professora Angélica Olvera, integrante do Centro Universitário Doctor Emílio Cárdenas (CUDEC), em Tlalnepantla de Baz, no México. Posteriormente, a abordagem se difundiu pelos países de fala espanhola, especialmente no México e na Espanha.

O trabalho sistêmico na sala de aula influenciado pelas experiências com a abordagem sistêmico-fenomenológica de Bert Hellinger mudou completamente a forma como a professora Marianne Frank-Gricksch passou a ver seus alunos. De forma pioneira, ela conseguiu adotar a metodologia e a postura hellingeriana e teve como resultado o processo satisfatório de ensino-aprendizagem associado ao convívio harmonioso entre as crianças. Conforme elucida a autora Frank-Gricksch (2009, p. 20): “[...] O reconhecimento das ordens do amor, o respeito pelo destino, a reverência pelo que é incompreensível e inevitável, o luto resgatado, tudo isso lhes proporcionou um novo sentimento de segurança com relação ao mundo, sua família e seus amigos”.

Frank-Gricksch (2009) percebeu que, a partir desse sentimento de segurança, as crianças se entusiasmavam para acolher as ideias

oferecidas pela escola. Além disso, devido à visão sistêmica, a professora alemã foi conduzida a uma nova compreensão acerca de seus alunos. Reconheceu, assim, o quanto as crianças estão inseridas em suas famílias e o quanto são leais a elas. Outrossim, percebeu a força que os discentes faziam continuamente para ligar sua vida familiar ao contexto escolar e o quanto essa força poderia ser produtiva.

Nesse sentido, Frank-Gricksch (2009, p. 21) esclarece que:

Na verdade, isso acontece quando nós, professores, abrimos nossos corações às famílias, permitindo-lhes entrar em nossas salas de aula como uma presença invisível e permanente. As ideias fundamentais de Hellinger do que significa estar inserido no contexto familiar é que me levaram inicialmente a usar as ideias sistêmicas em minhas aulas.

Nesse contexto, Frank-Gricksch (2009) explicita que as crianças conseguem lidar mais facilmente com a insegurança que provém desse novo campo, a escola, assim como tornam-se capazes de enfrentar a vulnerabilidade do aprendizado em si, quando são reconhecidas por tudo o que trazem consigo, especialmente sua “bagagem” familiar. Logo, a escola não é uma alternativa melhor do que a vida domiciliar, mas uma adição do que já existe e os professores, ao respeitarem seus alunos, fazem isso por meio do respeito à família de origem desses alunos que se estende ao respeito direcionado ao destino da família toda, pouco importando se, do ponto de vista do professor, isso atua de uma forma

que promove ou bloqueia o desenvolvimento e a disposição do infante para aprender.

Exemplificando sua postura sistêmica, Frank-Gricksch (2009) relata que, certa vez, em uma turma da sexta série, ela solicitou que os alunos resolvessem cinco questões de matemática, como era de praxe. Em seguida, por meio dos resultados, percebeu que muitos deles se sentiram inseguros ao desenvolverem o raciocínio, outros não haviam conseguido concluir a atividade totalmente. Depois, adotando a metodologia da pedagogia sistêmica, por meio da visualização dos pais das crianças atrás delas e também de seus pais atrás de si, pediu que as crianças resolvessem outras cinco questões e verificassem o gabarito assim que terminassem. O efeito foi absolutamente diferente da primeira etapa de exercícios, pois as crianças puderam notar que, com a inclusão de seus pais para apoiá-las, se sentiam mais seguras e capazes. Elas gostaram muito da experiência, passaram a observar em si mesmas o quanto ficavam mais relaxadas e calmas com essa nova postura e o quanto o sucesso estava ligado a um novo aspecto.

Não obstante, Frank-Gricksch (2009) assegura que em algumas circunstâncias, quando sentiam que um dos pais poderia incutir nelas o medo de falhar, então escolhiam, por meio da visualização, outra pessoa da família para apoiá-las, alguém que tivesse mais facilidade em determinado conteúdo ou que simplesmente os fizessem se sentir mais tranquilos. Como uma das precursoras da pedagogia sistêmica, Marianne Frank-Gricksch empregou de maneira inovadora e consistente os instrumentos sistêmicos na formação de muitos alunos, desde turmas de escola com alta participação de crianças estrangeiras como em cursos de supervisão para